

## A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás: preservação, pesquisa e comunicação em museus

### The building of the Ewald Janssen collection at the Universidade Federal de Goiás Anthropological Museum: preservation, research and communication in museums

Adelmar Santos de Araújo<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v13i26.54198

45

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

#### Resumo

Ewald Janssen foi um engenheiro topógrafo alemão que fixou residência em Goiânia em 1949 e prestou serviços ao Estado e à iniciativa privada. O trabalho de Janssen é comumente associado ao planejamento e desenvolvimento urbanístico de Goiânia. Nosso interesse consiste em discutir a construção da coleção Ewald Janssen investigando como se deu o processo de negociação da doação dos documentos por parte da família e a intervenção do Museu Antropológico instituindo a coleção. Inicialmente, foi realizada uma análise exploratória que incluiu visitar o museu, entrevistar a coordenadora do projeto para, em seguida, mapear possíveis fontes, depoentes e levantar bases de dados, jornais e cartas. A pesquisa buscou compreender o processo pelo qual passam os bens culturais entre a coleta, o tratamento e a musealização da coleção. Constatou-se que a maneira como se desenvolvem atividades de preservação, pesquisa e comunicação nas coleções museológicas determinará o curso da gestão de tais coleções.

#### Palavras-chave

Coleções museológicas; processo de musealização; interesses e gestão de coleções; Museu Antropológico (MA); Ewald Janssen.

#### Abstract

Ewald Janssen was a German surveyor engineer who took up residence in Goiânia in 1949 and provided services to the State and the private sector. Janssen's work is commonly associated with urban planning and development in Goiânia. Our interest is to discuss the building of the Ewald Janssen collection, investigating how the process of negotiating the donation of documents by the family and the intervention of the Museum took place. Anthropological establishing the collection. Initially, an exploratory analysis was carried out, which included visiting the museum, interviewing the project coordinator and then mapping possible sources, testimonials and collecting databases, newspapers and letters. The research sought to understand the process through which cultural assets go through between collection, treatment and musealization of the collection. It appears that the way in which preservation, research and communication activities are carried out in museum collections will determine the course of management of such collections.

#### Keywords

Museum collections; musealization process; interests and collection management; Anthropological Museum; Ewald Janssen.

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Museologia, sob a supervisão do prof. Dr. Marcio Rangel, Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2015) e Pós-doutorado em História (2023), na mesma instituição. Mestrado em Educação, pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2009). Pesquisador no Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPPES). Professor da Rede Estadual de Educação de Goiás (SEDUC-GO). Professor Substituto no Instituto Federal de Goiás, *Campus* Anápolis. Bolsista no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) da CAPES, atuando como professor nas disciplinas Filosofia da Educação, História da Educação e Antropologia Cultural, PUC-Goiás.

## Introdução

Ewald Janssen foi um engenheiro, topógrafo e urbanista nascido na Alemanha em 1913 e radicado em Goiânia a partir de 1949. Em Goiás, no período compreendido entre as décadas de 1940 a 1970, Janssen realizou importantes trabalhos, circunscrevendo o início da expansão territorial de Goiânia e o crescimento de cidades do interior do estado.

Em terras goianas, Janssen idealizou, projetou, emitiu pareceres técnicos. Dentre os trabalhos realizados em áreas pertencentes ao Governo Estadual, mais próximas ao centro da capital, é possível listar os setores: Sul, Oeste, Aeroporto, Pedro Ludovico, Marista, Leste Universitário, Vila Nova, dentre outros. Além desses, as áreas pertencentes a proprietários particulares, a lista se estende aos Setores: Bueno, Parque Amazônia, Novo Mundo, Vila Morais, Água Branca, Vila União, Jardim Petrópolis, Bairro Feliz, Jardim Planalto, Jardim Europa, Parque Oeste Industrial, Jardim Guanabara, Jardim Helvécia, Jardim Pompéia (Guimarães, 2019).

Quanto ao interior do estado, há registros que demonstram a concepção urbanística peculiar do autor, direcionada às cidades de Abadia de Goiás, Alvorada do Norte, Anápolis, Aparecida do Norte, Araguaína, Brasília, Catalão, Cavalcante, Inhumas, Itumbiara, Jaraguá, Jussara, Luziânia, Morrinhos, Morro Feio, Nerópolis, Palmelo, Quirinópolis, Rio Quente, Rio Verde, Rubiataba, Senador Canelo e Trindade (Santoro; Martins, 2018).

A escolha de pesquisar sobre essa personagem deu-se por três razões básicas: em primeiro lugar, pela sua importância na construção urbanística de Goiânia e de outras cidades do interior do estado de Goiás; em segundo lugar, devido a pouca divulgação do trabalho desse agente histórico; e, em terceiro lugar, para compreender o interesse da Museologia no conjunto do processo. Acrescente-se a isso o fato de a documentação ter sido doada pela família em 1997, ou seja, após a morte de Janssen e o trabalho de formação da Coleção só ter iniciado quase duas décadas depois por equipe especializada do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O Projeto, que preconizou a recuperação da integridade física dos documentos – cartográficos, iconográficos e textuais – salvaguardados no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (MA/UFG), teve como escopo a promoção do restauro, do acesso, da difusão e da circulação do acervo e de suas inúmeras possibilidades de investigação e pesquisa por parte do coletivo geral. Afora esse propósito, buscou responder a uma necessidade iminente, no campo da preservação dos acervos culturais, oportunizando a criação e consolidação de um laboratório de conservação e restauro de papel, preparado de forma qualificada para intervir no acautelamento de bens culturais, tanto no âmbito do Museu Antropológico e da UFG quanto, e de forma mais abrangente, no estado de Goiás (Santoro; Martins, 2018b, p. 5).

O artigo tem como objetivo estudar a construção e a formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Importa conhecer o trabalho de documentação museológica relacionando-o aos aspectos políticos, econômicos, e sociais do período em que essa coleção foi produzida bem como o contexto no qual o engenheiro-topógrafo alemão atuou no Estado de Goiás, bem como compreender como essa coleção contribui para o entendimento e a importância do trabalho de ações de preservação, pesquisa e comunicação no museu.

Nosso interesse consiste em compreender o trabalho da documentação museológica e não necessariamente o trabalho do engenheiro topógrafo em si. Nessa perspectiva, questiona-se: qual o lugar da Museologia nesse processo? De que maneiras a equipe do Projeto Ewald Janssen tratou de ações de preservação, pesquisa e comunicação em torno da formação dessa coleção? O que motivou a família de Janssen doar seu material a uma instituição pública, e até que ponto o gesto nobre de doar um conjunto de documentos particulares se configura num ato desinteressado?

### Coleção e interesse

Inicialmente, podem ser elencados três estudos sobre a coleção Ewald Janssen. Desses três, apenas a formulação de Santoro e Martins (2018a) foi dedicada efetivamente à formação da coleção. As autoras estudaram a formação da coleção e os processos museológicos de formação, preservação e comunicação, dentre outros aspectos. A dissertação de mestrado de Guimarães (2019) examinou o desenvolvimento urbanístico de Goiânia entre 1950 e 1980 e seus efeitos socioculturais percebidos até meados da década de 1990, sobretudo pela perspectiva dos traçados urbanos. Enfatizou os procedimentos políticos e legislativos relacionados aos assentamentos espontâneos e à materialização de novos bairros em terras pertencentes ao Estado e à iniciativa privada, respaldada em uma documentação arrolada no arquivo pessoal de um engenheiro topógrafo atuante naquele contexto. Cruz (2021) analisou a produção urbanística de Ewald Janssen, imigrante alemão que chegou a Goiânia em 1949. Sua vida na Alemanha nazista e seus trabalhos em diversos bairros goianienses e a singularidade dessa figura na história dessa cidade foram tema do referido trabalho.

Nessa perspectiva, estudar a formação da coleção Ewald Janssen no Museu Antropológico da UFG pretende preencher uma lacuna que, a meu ver, trará importantes contribuições não apenas de ordem técnica, mas, também, política. Por exemplo: estudar o Museu Antropológico da UFG e a instituição da coleção Ewald Janssen implica, entre outras coisas, conhecer mais de perto o MA e, assim, conhecer o processo de negociação da doação dos documentos por parte da família; compreender em que consiste uma coleção, para quem e para quem serve. Ademais, pode-se relacioná-la a processos de construção da imagem de figuras públicas e as relações entre interesses públicos e privados em espaços de memória. Enfim, cabe interrogar até que ponto o gesto nobre de doar um conjunto de documentos particulares se configura num ato desinteressado (ABREU, 1996). O trabalho de Regina Abreu nos inspira pois tem no

desvendar de processos sociais de longa duração ainda em curso. Afinal, os “imortais” mudam, mas continuam a ser “fabricados” e “desfabricados”, estratégias de consagração se redefinem, mas entram em jogo no cotidiano dos espetáculos estatais, e as margens de aplicação de instrumentos socioantropológicos cunhados para o tratamento de outras realidades histórico-sociais a temas e problemas em solo brasileiro devem ser preocupação permanente do pesquisador em ciências sociais. Também nesses aspectos o livro de Regina Abreu é uma bem-vinda e importante contribuição (Lima, 1997, p. 223).

Segundo Pierre Bourdieu (2007, p. 24), “as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais ‘teóricas’ de construção do objeto”. A construção do objeto de pesquisa se dá de forma sistemática e tem a ver com

A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás: preservação, pesquisa e comunicação em museus

o pensar e o agir relacionalmente. Trabalho científico exige compreensão de sua aplicação prática, do seu funcionamento prático. E assim, o ato de se apropriar ativamente de um modo de pensamento científico requer uma boa elaboração inicial, para produzir relevantes efeitos de conhecimento. A teoria se produz a partir da pesquisa empírica. Significa ter material a ser analisado, num diálogo entre a teoria e a realidade. Trata-se de construir um sistema coerente de relações. “É preciso pensar relacionalmente” (Bourdieu, 2007, p. 28). Pensar relacionalmente “implica a busca da essência dos fenômenos, dos processos ou dos elementos do mundo social, mas situá-los uns em relação aos outros e na estrutura à qual pertencem” (Silva, 1996, p. 233).

Bourdieu inspira curiosidade de pesquisa sociológica e análise de processos culturais e simbólicos. Regina Abreu (1996, p. 214) recorre a Ulpiano Bezerra de Meneses para dizer que “é preciso evitar para que o museu se transforme num mero repositório de coleções e num mecanismo dito educativo, mas sem que entre as duas instâncias haja a mediação da produção de conhecimentos”.

### **O que é uma coleção? Para que e para quem serve?**

No mundo contemporâneo, além das coleções científicas se colocarem como fonte crucial de informação para diferentes campos do saber, elas também se transformaram em herança cultural, em testemunho da rica história do descobrimento e da expansão da sociedade brasileira em seu território. Por maior valor intrínseco que possuam os objetos de uma coleção, estes só passam a adquirir status e expressão de herança cultural, depois de estudados e tornados acessíveis à coletividade. (Rangel, 2011, p. 154).

Segundo Pomian (1984, p. 53), uma coleção é “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”. Todavia, alerta o autor, essa explicação descritiva de coleção não é suficiente, sobretudo, porque há nela um paradoxo:

(...) por um lado, as peças de coleções são mantidas temporárias ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, mas, por outro lado, são submetidas a uma proteção especial, sendo por isso consideradas objetos preciosos. Numa palavra, é este o paradoxo, têm valor de troca sem terem um valor de uso (Pomian, 1984, p. 53-54).

Assim, Pomian propõe “ultrapassar as fronteiras da nossa sociedade” e procurar coleções em outros lugares. Os inventários dos reis europeus apresentavam elevado número de objetos, como se pode observar nas três mil e novecentas e seis peças de Carlos V, rei da França; ou outras extravagâncias de Carlos VI ou Carlos VII, por exemplo. Tais coleções de objetos materiais em sua diversidade, organizadas “pelos príncipes renascentistas, funcionavam como paradigmas visuais que recriavam simbolicamente a ordem do mundo e o espaço do exercício do seu poder” (Meneses, 2013, p. 15). Nas chamadas sociedades tradicionais, a hierarquia social se solidariza com a hierarquia dos valores. São os lugares sociais que determinam as coleções, e não os indivíduos que acumulam objetos conforme lhes apetece. Trata-se de um sistema no qual as coisas não

podem ser trocadas por semióforos<sup>2</sup>. De acordo com Pomian, é o significado que funda o valor de troca das peças de coleção. A preciosidade dessas peças, seu valor, reside na representação do invisível.

O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar. Tiram-se assim duas conclusões: a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa (Pomian, 1984, p. 72).

Todavia, ao existir um duplo fundamento do valor, têm-se um problema premente: como é possível haver troca de coisas por semióforos? Em sociedades como a China antiga esse tipo de troca não é possível. Quanto maior é a atribuição de significado a um objeto, menor será o grau de interesse em sua utilidade.

Mas, se ocorrer de em outro lugar esse tipo de troca for permitida, acede-se a um lugar social elevado por meio de sacrifícios de coisas, ou moedas que representam tais coisas. Os métodos de aquisição podem ser os mais diversos, seja fazendo uso da violência direta, seja por constrangimentos outros. Tudo isso serve de instrumento “para obter objetos cuja posse permite ocupar um lugar ambicionado. Quanto maior é o sacrifício feito no plano da utilidade, mais alta é a posição a que se acede. Daí os comportamentos a propósito da Roma antiga” (Pomian, 1984, p. 75).

O dinheiro foi progressivamente delimitando fronteiras entre aqueles que podiam ter acesso à propriedade dos semióforos, de modo que certas categorias de objetos de coleção como quadros e obras de arte antiga se mostram de imediato inacessíveis àquelas pessoas que não dos recursos financeiros “necessários para participar na corrida à melhor oferta, e que, por isso, descem para objetos de menor valor: moedas, estampas, desenhos, curiosidades exóticas, exemplares de história natural” (Pomian, 1984, p. 81). Esse cenário já é bem visível nos séculos XVII e XVIII, as associações em torno das coleções já eram determinadas pelos grandes proprietários. Dessa maneira, os privilegiados social e economicamente, os ocupantes dos lugares mais altos em termos de riqueza e poder, os classificados como iniciados no bom gosto e no saber são os que têm acesso às exposições da arte profana moderna, das antiguidades, curiosidades exóticas e naturais etc. Com o crescimento econômico e a difusão da instrução evidencia-se, entre os setores médios da sociedade, maior interesse em acessar os novos semióforos e, portanto, entrar no mundo dos colecionadores. Entre os sábios, escritores, artistas e eruditos que ainda não tinham adentrado os espaços frequentados por ricos e poderosos emergem manifestações e reações exigindo acesso livre aos diversos semióforos, tais como livros, manuscritos, fontes históricas, objetos. Tais elementos estavam entre as condições que necessitavam para exercerem suas atividades profissionais livremente. Diante dessa nova realidade, a partir do início do século XVII, há entre os poderosos aqueles que compreendem a importância dessa demanda e passam a investir na “fundação de bibliotecas públicas e depois também de museus; ainda que alguns deles fossem também movidos por preocupações religiosas” (Pomian, 1984, p. 82).

Trata-se, portanto, segundo Gob e Drouguet (2019), do contexto da passagem de mais de 20 séculos, da coleção ao museu. Os autores enfatizam

2 Segundo Pomian (1984, p. 71) os semióforos “objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura”.

A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás: preservação, pesquisa e comunicação em museus

que “mais que o desenlace passivo de uma longa evolução do colecionismo, mais que o resultado de uma institucionalização pública da coleção, o nascimento do museu se inscreve no movimento do Iluminismo”.

Ele é essa ampliação radical das novas práticas do século XVIII [...] O museu moderno é revolucionário, não tanto no sentido do contexto político da criação do Louvre – Revolução Francesa –, mas porque ele rompe com o colecionismo e reinterpreta radicalmente a coleção humanista na perspectiva iluminista. O museu é destinado ao público e à sua educação; o museu é um instrumento de conhecimento e patrimonialização (Gob; Douguet, 2019, p. 33-34).

Lima e Carvalho (2013) pontuam que nos estudos da cultura material, o colecionismo é um tema fundamental para a compreensão do papel estruturante desempenhado pelos artefatos (como artefatos as autoras entendem uma categoria que abrange objetos, textos e imagens) na “criação e reprodução de categorias sociais e psíquicas para a vida em sociedade”. As autoras reiteram que a prática de colecionar dá-se por meio de regras próprias conforme a tipologia, temática, técnica, cronologia, genealogia, afetividade, estética etc., em atendimento aos imperativos de equilíbrio “emocional, integração e triagem sociais; bem como à construção de formas e prestígio e distinção individual, servindo ainda como suporte de laços de afetividade ou como apaziguador das mudanças sociais ou de natureza cíclica da vida” (Lima; Carvalho, 2013, p. 85-86). O que isso significa? As autoras concluem por reconhecer que a natureza biográfica e seriada das coleções configura “uma das maneiras mais pertinentes de problematizar o binômio elite *versus* popular” (Lima; Carvalho, 2013, p. 102).

### **Discutindo técnicas de preservação, pesquisa e comunicação em museus**

Quando exploramos domínios previamente definidos, objetivando avançar o conhecimento e, por sua vez, nos apropriar desse arcabouço para agir com base nesses domínios, estamos em atividade de pesquisa. “No museu, a pesquisa constitui o conjunto de atividades intelectuais e de trabalhos que têm como objeto a descoberta, a invenção e o progresso de conhecimentos novos ligados às coleções das quais ele se encarrega ou às suas atividades” (Desvallées, Mairesse, 2013, p. 77).

O termo preservação pode significar várias ações: conservar, manter, proteger, poupar, defender, guardar ou resguardar algum bem tangível ou intangível, avaliando o valor de sua materialidade e do seu significado para a cultura humana. Além disso, pode ser entendida como uma forma de assegurar seu valor e sua permanência material no domínio jurídico como um bem público ou privado. Também pode estar conduzida a eliminação dos danos causados por fatores ambientais, sendo formada por métodos e elementos “indiretos aplicáveis aos objetos e relacionados diretamente ao ambiente, controlando as condições microclimáticas” (Sousa Junior, 2021, p. 85). Pode-se ainda associar preservação à segurança dos bens em situações de roubo, transporte e incêndio, sobretudo.

O tema indica a necessidade de propor novos caminhos viáveis para a preservação do legado cultural constituído pela grande e variada materialidade dos objetos que o compõe, na medida em que as formas tradicionais e usuais de atuação apresentam um esgotamento de possibilidades gerado principalmente pela grande variedade de materiais cujas naturezas são, na maioria das vezes, inconciliáveis no que se refere às respectivas permanência e estabilidade (Sousa Junior, 2021, p. 85).

“Na museologia, a preservação engloba todas as operações envolvidas quando um objeto entra no museu, isto é, todas as operações de aquisição, entrada em inventário, catalogação, acondicionamento, conservação e, se necessário, restauração” (Desvallées, Mairesse, 2013, p. 79). De acordo com os autores, geralmente, a preservação patrimonial leva a uma política que se inicia por estabelecer critérios de aquisição do patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio. É necessário garantir sua continuidade por meio da gestão das coisas que se tornaram objetos de museu, e finalmente com sua conservação.

Em sentido restrito, conforme Gob e Drouguet (2019), a palavra conservação assinala o conjunto de meios e ações utilizados pelo museu para garantir a perenidade dos objetos, obras e documentos expostos ou guardados em sua reserva técnica. Trata-se especialmente de criar e manter um ambiente mais favorável possível, que previna ao máximo as alterações e degradações sofridas pelos objetos do museu, mas também de garantir a manutenção dos objetos cotidianamente. Já a conservação preventiva é o conjunto ações diretas e indiretas designadas a garantir a perenidade das coleções expostas ou mantidas na reserva técnica de um museu.

A conservação preventiva “faz parte da missão patrimonial do museu, a conservação em sentido amplo. E ela compreende, além das precauções destinadas a garantir a perenidade das coleções, todas as ações relacionadas com a gestão destas últimas dentro do museu” (Gob; Douguet, 2019, p. 211).

De acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p. 35), “no contexto dos museus, a comunicação aparece simultaneamente como apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções”. Segundo os autores, essa perspectiva entende a exposição de forma integralizada ao processo de pesquisa cumprindo importante papel de um sistema de comunicação mais geral, abrangendo, por exemplo, as publicações científicas.

As ações de comunicação dos museus são construídas em distintos formatos e a partir de recursos e instrumentos igualmente diversificados. Nessa linha, o processo de difusão do acervo de Ewald Janssen foi elaborado a partir de um conjunto de instrumentos de comunicação considerado como mais relevantes na prática museológica. Abordagens de caráter mais atuais, as quais coexistiram com alternativas e soluções mais tradicionais foram adotadas, com vistas à crescente participação e interação do público com o acervo e a temática (Santoro; Martins, 2018a, p. 26).

## **Gestão de coleções em museu e a coleção Ewald Janssen**

No tópico anterior, iniciamos uma discussão sobre técnicas de preservação, pesquisa e comunicação em museu. Importa lembrar que, para que pesquisa, preservação e comunicação se efetivem, é fundamental que os museus estabeleçam criterioso compromisso com a salvaguarda de seu acervo. As informações contidas nos objetos e nas práticas da instituição são legitimadas pelo processo de gerir e documentar o acervo museológico.

Quando o objeto museológico é identificado, passa a compor uma coleção determinada pela instituição e assim se torna elemento de algo ainda maior, denominado acervo museológico. São muitos os motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo: por ser raro, pela sua fabricação, pelo valor científico e cultural, pela preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, é notório que qualquer uma dessas causas está vinculada às possibilidades de informação que os objetos carregam consigo, bastando analisá-los para que apareçam respostas sobre seus usos, seus materiais, suas relações sociais, sua história, entre outros (Padilha, 2014, p. 19).

A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás: preservação, pesquisa e comunicação em museus

A gestão museológica é definida, conforme Desvallées e Mairesse (2013, p. 47), como “ação de conduzir as tarefas administrativas do museu, ou de forma mais geral, o conjunto de atividades que não estão diretamente ligadas às especificidades do museu (preservação, pesquisa e comunicação)”. Contudo, o desenvolvimento de uma gestão eficaz de acervo perpassa pelo procedimento de documentação, conservação e pesquisa adequado do acervo. Controlar o acervo museológico de maneira irrestrita está relacionado com a contribuição e o incentivo à produção e à difusão de conhecimento. Cabe à gestão de acervo: “a salvaguarda das coleções; o cuidado com o bem-estar físico e de conteúdo do acervo; a segurança (a longo prazo) do acervo; o acesso público ao acervo; a descrição das atividades particulares realizadas pelo processo administrativo do museu” (Padilha, 2014, p. 23).

Nessa perspectiva, o Projeto Ewald Janssen não apenas recuperou a integridade física dos documentos – cartográficos, iconográficos e textuais – salvaguardados no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, desde 1997, como ajudou a compreender “o processo criativo e o referencial informativo do urbanista, a fim de promover o restauro, o acesso, a difusão e a circulação do acervo” (Santoro; Martins, 2018a, p. 3).

De acordo com as autoras, o primeiro grande resultado é o conhecimento produzido acerca dessa coleção, e que certamente amplia as possibilidades de pesquisa e difusão do acervo, proporcionado pelos 1888 documentos, de conteúdo imagético, cartográfico e textual (manuscrito e impresso). Na sequência de resultados, aponta-se a relevância da preservação. Nessa perspectiva, considerou-se basilar a estreita relação constituída a partir de interfaces disciplinares “da conservação, restauro e documentação”. Observa-se que os documentos, antes, estavam guardados de maneira inadequada e, portanto, expostos a diversos agentes de degradação, inclusive havia problema de informação e de instrumentos de registro. Todavia, atualmente as condições de conservação são outras e qualitativamente melhores, a julgar pelo novo processo de acondicionamento do acervo, a inclusão do registro documental sistematizado “representam resultados destacados entre os produtos e para um acervo que esperava esses procedimentos organizacionais desde o ano de 1997 [...] foi criada e implantada a Reserva Técnica Documental do Museu Antropológico/UFG” (Santoro; Martins, 2018a, p. 33). Observa-se, ainda, que a instalação do Laboratório de Conservação e Restauro de Acervos em Papel (LaCRAP) insere-se nesse contexto.

### **Sobre o inventário, registro e guarda do acervo**

Ao chegar no Museu Antropológico da UFG, a coleção Ewald Janssen recebeu a aplicação de processos próprios do Setor de Curadoria e Documentação da Coordenação de Museologia da instituição, o que possibilitou o seu manuseio de forma segura. Após essas ações de tratamento, elaborou-se o registro documental compreendido pelo inventário e pela catalogação do acervo. Assim, além do restauro dos documentos, houve o registro do acervo. A elaboração do inventário museológico deu-se de acordo com políticas adotadas no Museu: Livro de Tombo, Livro de Inventário e Fichas de Identificação. A aplicação desses procedimentos técnicos, concomitantes ao restauro, foi imprescindível para a garantia da salvaguarda dos documentos, da difusão e do acesso ao acervo, estruturando a circulação das informações nele contidas e sua chegada ao público de maneira mais ampla.

O inventário e a catalogação do acervo foram executados com base no sistema documental em uso corrente no Museu Antropológico. Entretanto, por se tratar de acervo de diferentes tipologias, foi realizada análise da documentação e proposição de novos instrumentos, na medida em que se fizeram necessários. Cada documento recebeu uma numeração tripartite que remete à Coleção Ewald Janssen, ano e número do objeto no interior da coleção. Para a guarda foram instaladas estantes deslizantes desenhadas para permitir a guarda de todo o acervo, incluindo as plantas e mapas de grandes dimensões. A instalação deste mobiliário garantirá maior segurança ao acervo e ampliação da capacidade de guarda da Reserva Técnica Documental (Santoro; Martins, 2018, p. 22).

## Considerações finais

Destaca-se a relevância do trabalho prévio do Museu Antropológico ao definir os instrumentos de registro que foram adotados para o acervo Janssen. A afirmação desse sistema foi feita em consonância com a política de acervo da Instituição e, articulada aos padrões do sistema documental adotado para os acervos de outras tipologias. A definição da metodologia para a execução dos registros documentais deu vida ao conjunto do trabalho, garantindo a salvaguarda material (física), a produção constante de conhecimento, bem como a transformação das coleções dos museus, de caráter meramente informativo em “fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento”.

Nessa perspectiva, a coleção Ewald Janssen ao receber as ações de preservação e conservação de seu acervo, além de dar resposta a uma demanda urgente do Museu, demonstrou cumprimento à Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, e determinou a obrigatoriedade de os museus manterem sua documentação de forma sistematizada e atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, por meio de registros e inventários.

Observa-se a importância do trabalho em equipe, sobretudo em termos de interdisciplinaridade. Nesse sentido, estudos em torno de formação de coleções museológicas nos ensinam que se a Museologia é uma ciência em construção; se explora a relação do ser humano com sua realidade; isso não seria possível desconsiderando as diversas relações com diferentes ciências.

O trabalho de preservar, pesquisar e comunicar em museu ou em espaços museológicos torna-se uma necessidade cada vez mais premente. Entretanto, importa não esquecer de perguntar: o quê e para quem se preserva, a finalidade da pesquisa e com quem, para quem ou como se comunica?

## Referências

Documentos consultados:

EWALD JANSSEN, Coleção. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Museu Antropológico. Reserva Técnica Documental: Coleção Ewald Janssen. Goiânia, 2018.

SANTORO, Ana Cristina de Menezes; MARTINS, Dilamar Candida. Projeto gestão do acervo cultural de Ewald Janssen: restauração, difusão e circulação patrimonial. Goiânia: Museu Antropológico da UFG, 2018. (Relatório final)

A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás: preservação, pesquisa e comunicação em museus

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG). Museu Antropológico: Termo de doação: Acervo Ewald Janssen. Goiânia, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG). Museu Antropológico: Ficha de Documentação Individual. Goiânia: 2018.

#### Obras citadas

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocesso e desafios. In: Marcus Granato e Marcio R. Rangel. (Org.). *Cultural Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins-MAST, 2009, v. 1, p. 14-25.

CRUZ, Lucas Rezende. *A cidade de Ewald Janssen: uma historização da obra urbana de um imigrante alemão em Goiânia (1950 a 1970) [Dissertação]*. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, 2021.

DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia* apresentados na obra *Dictionnaire encyclopédique de muséologie* organizada por André Desvallées e François Mairesse (2010), cujos conceitos foram traduzidos a partir do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

GUIMARÃES, Leandro Davi. *Goiânia, a 'cidade desplanejada' do Oeste (1950/1980): Reflexões sobre a capital goiana nos aportes da Coleção Ewald Janssen [dissertação]*. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, 2019.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. Resenha. *Revista MANA* 3 (2), p. 221-248, 1997.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2013, p. 85-112. (Coleção Patrimônio)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2013, p. 15-84. (Coleção Patrimônio)

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

POMIAN, K. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RANGEL, Marcio Ferreira. A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: LOPES, MM., and HEIZER, A., Orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 149-156.

ROSA, Francielly. *O processo de criação do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás* [monografia]. Goiânia: Curso de Bacharelado em Museologia, FCS, Universidade Federal de Goiás, 2013.

RESENDE, Vanessa Ferreira de Almeida. *Imagens e Retratos dos Festejos do Divino: Uma proposta de sistema informativo documentário para a Reserva Técnica Documental do Museu Antropológico da UFG* [monografia]. Goiânia: Curso de Bacharelado em Museologia, FCS, Universidade Federal de Goiás, 2017.

SANTORO, Ana Cristina de Meneses; MARTINS, Dilamar Cândida (Orgs.). *Topos: espaços de Ewald Janssen* [ebook]. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018a.

SANTORO, Ana Cristina de Meneses; MARTINS, Dilamar Cândida (Orgs.). *Projeto gestão do acervo cultural de Ewald Janssen: restauração, difusão e circulação patrimonial* (Relatório final), 2018b.

SILVA, Tomaz T. Bourdieu e a educação. In: *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 229-235.

WICHERS, Camila A. de Moraes. A formação em Museologia na Universidade Federal de Goiás: trajetória, desafios e devires. *Museologia e Patrimônio*, v. 15, p. 213-239, 2022.

Recebido em 2 de junho de 2024.

Aprovado em novembro de 2024.